

DA ORIGEM E EVOLUÇÃO DOS TRABALHOS “BOYS’ LOVE”

THE CONSUMPTION OF BL CONTENT: THE SOCIAL VALUE BEHIND THE ORIGIN AND EVOLUTION OF THE WORKS “BOYS’ LOVE”

Ana Paula da Silva Sobrinho

<https://orcid.org/0009-0009-2011-6952>
anapaulasobrinho@gmail.com

Graduanda do Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA Campus Pedreiras.

Regilane Barbosa Maceno

<https://orcid.org/0000-0001-5914-180X>
regilane.maceno@hotmail.com

Docente do Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA Campus Pedreiras.

RESUMO

As narrativas “Boys’ Love”, popularmente conhecida pela sua abreviação BL, ganharam um espaço na vida diária de milhões de mulheres ao redor do mundo através de histórias envolvendo a homossexualidade e o homoerotismo, que possibilitaram à mulher um protagonismo dentro de tópicos envolvendo o sexo e a sexualidade, que antes lhe era privado em seus objetos de leitura. Essa nova alternativa de leitura deu a chance para que um público forte feminino de jovens e adultas se tornassem um grupo grande e diversificado de fãs desse gênero, mesmo que inicialmente de forma clandestina dentro de suas respectivas sociedades, por provocar os desejos e fantasias sexuais das mulheres, fazer representações homossexuais e eróticas e gerar discussões envolvendo a orientação sexual e identidade sexual. À vista disso, o presente artigo possui como objetivo analisar o gênero “Boys’ Love” através de sua origem histórica, seu público-alvo e destacar como este passou a representar um ambiente de liberdade, amizade e resistência para as consumidoras femininas, gerando-lh um peso social, mesmo sendo minimizado e alvo de censura e preconceitos. Além disso, temos como objetivo também apontar como os trabalhos “Boys` Love” evoluíram nesses últimos anos e como isso pode ser notado dentro das suas narrativas, do público e entre homossexuais de uma forma benéfica nos contextos sociais da atualidade. Para tanto, recorreremos aos pressupostos teóricos de Mizoguchi (2008; 2010), Kwon (2021), Aoyama (2013), Welker (2006, 2015), além de outros estudiosos que trabalharam sobre a questão.

Palavras-chave: “Boys’ love”; sexualidade; público; mulheres.

ABSTRACT

The “Boys` Love” narratives, popularly known by its abbreviation BL, gained a place in the daily lives of millions of women around the world through stories involving homosexuality and homoeroticism, which allowed women to play a leading role in topics involving the sex and sexuality, which he was previously deprived of in his reading objects. This new reading alternative gave the chance for a strong female audience of young people and adults to become a large and diverse group of fans of this genre, even if initially in a clandestine way within their

respective societies, by provoking the sexual desires and fantasies of women. women, make homosexual and erotic representations, and generate discussions involving sexual orientation and sexual identity. In view of this, this article aims to analyze the "Boys' Love" genre through its historical origin, its target audience and highlight how it came to represent an environment of freedom, friendship and resistance for female consumers, generating a social weight, even being minimized and the target of censorship and prejudice. Furthermore, point out how the works "Boys' Love" have evolved in recent years and how this can be noted within their narratives, public and homosexuals in a beneficial way in today's social contexts. For this purpose, we resort to theoretical assumptions by Mizoguchi (2011), Kwon (2021), Aoyama (2013), Welker (2006), as well as other scholars who worked on the issue.

Keywords: "Boys' love"; sexuality; public; women.

INTRODUÇÃO

Historicamente, diversas sociedades ao redor do mundo são dominadas por uma estrutura heteronormativa e patriarcal que, por muitas décadas, se constituiu como uma forma de opressão contra a mulher, limitando seu lugar de fala, de pensar e de desenvolvimento através da hierarquização de gênero, que apontava quais eram os deveres e ambientes que o ser "fêmea" ou "macho" ocuparia dentro da sociedade. A mulher, por ser considerada mais frágil, delicada e com menor capacidade intelectual, assumiria o papel de dona de casa, com o único objetivo de casar, ter filhos e projetar seu marido socialmente, enquanto ao homem lhe caberia uma posição que lhe daria direito a ter uma boa educação, independência e liberdade para agir e se comportar ao seu modo, uma vez que este seria um ser que exaltava senso de liderança, intelectualidade, força, poder e respeito.

Por conseguinte, esse senso não ficava restringido apenas ao papel de cada gênero na sociedade, mas também era representado nos próprios objetos de leitura das mulheres. Essa era outra forma de lhes mostrar e forçar a ideia de que elas não teriam outra utilidade ou espaço além do papel de jovens casadas, que tinham boas mãos para costurar, educar os filhos, lindos corpos para agradar seus maridos, mas eram desprovidas de habilidades para escrever, liderar uma conversa e comandar seu próprio corpo.

Com esse mesmo contexto e intuito, no Japão, os mangás românticos destinados ao público feminino eram produzidos enfatizando as obrigações da mulher nesse lugar determinado pela ótica falocêntrica (Macwilliams, 1952), submetendo-lhe a um estado de submissão ao homem e empregando às personagens femininas personalidades dóceis e frágeis, que se mantinham em posição inferior ao personagem masculino (Luyten, 1991). Além disso, era negada à mulher qualquer narrativa que falasse sobre sexo ou indicasse qualquer ato relacionado a esse tópico, com objetivo de preservar suas mentes inocentes e manter sua pureza; assim, Kwon (2021) comenta que "as jovens do sexo feminino são consideradas assexuadas e acredita-se que elas devam desconhecer sua sexualidade".

Privadas de leituras e representações que tratasse a mulher com um ser que tem desejos sexuais e que também possui curiosidade sobre sua própria sexualidade, mulheres japonesas se engajaram na leitura e produção de um novo tipo de mangá que estava circulando rapidamente entre as adolescentes no final da década de 1970 (Kwon, 2021). Tratava-se de narrativas envolvendo o relacionamento amoroso e erótico entre dois homens, produzidas tanto de forma amadora quanto profissional, que, a partir dos anos de 1990, passou a ser popularmente e globalmente conhecido como "Boys' Love" (BL) (McLelland; Welker, 2015).

O BL passou a desempenhar um papel de liberdade sexual, tornando-se um espaço onde as mulheres poderiam se sentir confortáveis para falar e representar o sexo ao seu bel-prazer. De forma rápida e significativa, este gênero se tornou um conteúdo consumido de forma cotidiana por várias mulheres das mais diferentes nacionalidades, e não apenas japonesas, que era seu público originalmente. Estas, hoje, representam uma massa de mulheres que se sentem

acolhidas e têm seus desejos e fantasias expressos através de dois corpos masculinos. Assim, elas se tornam o maior número de participantes de eventos BL, fóruns online e rede sociais para troca de leituras e opiniões sobre este mundo, mesmo que socialmente ainda tenha preconceitos a quem ler ou criar conteúdo BL.

Sobre essa questão, Aoyama (2013, p. 3) comenta que: “aqueles que estão fora da “comunidade” podem achar difícil entender sua “língua” e podem tender a descartar sua cultura como um absurdo pueril e indigno de atenção”, uma vez que ainda vivemos em sociedades construídas com preceitos machistas, patriarcais, sexistas e heteronormativas, que ainda colocam a mulher como um ser que deve manter não apenas seu corpo puro como também sua mente, e que usam da censura como forma de marginalizar e apagar a existência de relacionamentos entre pessoas do mesmo gênero.

Tomando esses apontamentos, retomaremos a origem histórica e discussões críticas e teóricas acerca do BL, a fim de discutir como esse gênero acarretou um peso social sobre si mesmo e ao seu público, analisando como o consumo deste passou a ser algo de grande prazer e forma de liberdade para as mulheres, não apenas japonesas, mas de forma internacional, e como este se mantém forte apesar dos preconceitos, censura e medo provocado pelo sistema patriarcal heteronormativo.

Para um melhor embasamento e entendimento sobre o BL, tomaremos os argumentos de diversos críticos e teóricos acerca do BL ser um gênero de caráter fantasioso, que não tem intenção de fazer qualquer representação da realidade ou retratar relacionamentos ou desejos gays (McLelland; Welker, 2015), uma vez que se sabe que este gênero é destinado ao público feminino, mesmo que outros grupos também possam fazer parte dos consumidores. Além disso, usaremos destes mesmos argumentos para refletir sobre o lugar do BL na atualidade, assim como sua transformação ao longo dos anos sobre suas histórias, seu público e os homossexuais, personagens dessas narrativas.

AS RAÍZES DO GÊNERO “BOYS’ LOVE” (BL)

O BL se originou do gênero de mídia fictícia japonesa *yaoi*, em que ambos, na sua definição mais direta e comum, tratam sobre as relações homoeróticas e/ou homoafetivas entre dois garotos. Mas antes mesmo da origem desses dois termos se popularizarem globalmente, foi por volta dos anos 1950 e final de 1960 que nasceu, pela primeira vez no Japão pós-guerra, algumas autoras como Takemiya Keiko e Hagio Moto. Essas mulheres começaram a produzir um novo gênero de mangá, que tinha foco nos relacionamentos entre dois homens, chamado de *shōnen-ai*, conceituado como amor de meninos (Welker, 2015).

Até então, mangás destinados ao público feminino, chamados de *shojo*, eram criados por artistas homens, em que a figura da mulher era restringida a um papel de fragilidade, pureza, delicadeza e passividade em relação ao personagem principal masculino, negando-lhe, assim, qualquer possibilidade de se impor e até mínima ou nenhuma de um diálogo sexual, já que uma abordagem diferente dessa linha poderia influenciar e macular o estereótipo de mulher respeitável e ideal para o cunho patrimonial. Ou seja, era um enredo para conservar a posição que o sistema patriarcal afirma que a mulher possui dentro da sociedade.

Como aponta MacWilliams (1952, p. 116) “o termo *shoujo* se refere a um papel de gênero socialmente conservador que deve sua origem na fase formativa do sistema educacional no final do século XIX e início do século XX.” Com o fim da Segunda Guerra, as crescentes transformações sociais e econômicas e o desejo por um espaço mais amplo para as mulheres, um grupo de artistas femininas, rotuladas de “Year 24 Group of Flowers,” foi impulsionado a criar um novo gênero de mangá conhecido como *shōnen-ai*, que lhes daria uma liberdade que o *shojo* naquele momento não poderia.

1 - “Those outside the “community” may find it difficult to understand their “language” and may tend to dismiss their culture as puerile nonsense unworthy of attention”

O *shōnen-ai*, tendo como protagonistas de um relacionamento amoroso dois homens, abriu um novo espaço em que, tanto a artista como a leitora, podiam usufruir de personagens que não estavam presos apenas a uma personalidade fixa ou a narrativas de delicadeza, pureza ou “fofura”, mas também de imponência e desejo sexual. Mesmo as artistas sendo de uma idade mais avançada que seu público-alvo – adolescentes mulheres –, isso não interferiu na sua propagação, se tornando um gênero de mangá criado por e para mulheres.

Com essa estrutura, o mangá *shōnen-ai* pode chegar ao público e entrar no círculo social do seu objetivo, e dessa forma, no final dos anos 1970, esse gênero ganha um novo termo popularizado como *yaoi*, no qual não apenas as artistas, mas as próprias fãs do amor de meninos podiam criar seus próprios trabalhos de cunho amador (Kwon, 2021).

Com a iniciação da tecnologia e mais jovens tendo acesso aos computadores e à própria internet, jovens mentes femininas começaram a espalhar seus trabalhos *yaoi*, com narrativas centradas em dois homens ou adolescentes, que eram envolvidas por erotismo, violência, agressões, incesto e estupro, que, na maioria das vezes, eram cometidos por um dos protagonistas, denominado *semé*. Dessa forma, as narrativas focadas no sexo e no pouco desenvolvimento remetem ao próprio termo *yaoi*, que significa sem climas, sem ponto, sem significado.

Semé e *uké* são duas nomenclaturas conhecidas como a “fórmula do *yaoi*”, que está presente em todos os mangás desse gênero, indicando sua posição dentro do relacionamento na narrativa. O primeiro é rotulado como a pessoa ativa do relacionamento e se refere ao homem que indica maior masculinidade, apontada com uma ilustração e características mais musculosas, rígidas e uma presença mais forte, dominadora e possessiva. O *semé* é comumente a figura que vai impulsionar o relacionamento com o *uké*, sempre tentando se aproximar e demonstrar seu interesse, sendo, num primeiro momento, apenas sexual ou não. Por sua vez, o *uké* será o contrário do *semé*, com características mais femininas, normalmente mais baixo e com traços mais finos e delicados. Ele representará a pessoa passiva do relacionamento, que em diversas situações tenta fugir do *semé* sem sucesso.

Dessa forma, o *yaoi*, com esses aportes, começou a ultrapassar as barreiras do Japão e a formar um grupo de fãs mais globalizado, com leitoras e criadoras na Coreia do Sul, China, Taiwan, e países como os Estados Unidos também começaram a adentrar nesse ambiente. E devido a sua crescente popularidade, não demorou para que esse gênero ganhasse um novo rótulo vindo, dessa vez, do inglês “Boys’ Love”, traduzida como “amor de meninos” e conhecida globalmente pela sua abreviação “BL”.

Ainda muito se argumenta no que diferencia o BL do *yaoi*. Alguns consideram o *yaoi* como um trabalho feito de forma amadora, enquanto o BL seria criado de maneira profissional (Kwon, 2019). Mas, isso ainda é difícil de afirmar quando, atualmente, ambos os gêneros são produzidos por artista/autor profissionais, e também, de forma amadora, por meio, por exemplo, de *dōjinshi*² e *fanfics*, que se tornaram uma ferramenta popular entre jovens em plataformas digitais, para ampliar suas fantasias femininas e *fujoshi*³, usualmente colocando duas celebridades, dois cantores ou dois personagens de *animes* como parceiros românticos. Portanto, neste artigo o BL e o *yaoi* vão estar em paralelo, mesmo que a comunidade fã entenda esses dois gêneros totalmente distintos um do outro.

Devido ao crescimento da comunidade de fã de amor de meninos e aos maus olhos que esse público passou a ser visto por causa das normas sociais que o mangá BL/*yaoi* infringia com suas narrativas sempre envolvendo sexo e a própria homoafetividade, surgiu o termo *fujoshi*, usado para se referir às garotas que liam esse tipo de gênero, por isso, seu significado literal “garotas podres” (Nagaike; Suganuma, 2013). Um conceito depreciativo que facilmente pode ser interpretado como uma forma que o meio social conservador encontrou para colocar essas fãs como mulheres que estavam se desviando do “bom caminho”, colocando sua inocência,

2 - Termo japonês para publicações independentes, normalmente feitas por fãs de uma dada obra popular para outro fã.

3 - Termo utilizado para definir fãs femininas de BL/*yaoi*, que significa “garota podre”.

pureza e valores em risco por causa da sua clara imaturidade, como Nishihara (2010) nos evidencia quando comenta sobre o *ethos* patriarcal predominante, presente na mídia japonesa na década de 1990, que retratava as fãs de BL como social/sexualmente imaturas. Assim, eram jovens demais para aprender e falar sobre sexo, e, portanto, deveriam esperar sua maioridade quando tradicionalmente já estariam casadas.

Esse sentimento de perigo relacionado aos conteúdos BL e ao sistema conservador patriarcal se tornaram o ponto central que leva à forte censura de conteúdos “Boys’ Love”, principalmente em território chinês, onde o BL conquistou um grande número de leitores e autores após se propagarem em Taiwan e se expandirem para Hong Kong na década de 1990 (Liu, 2009). Mas, por causa da vigilância do governo, da estrutura social e das leis que proíbem qualquer representação sexual feminina ou masculina, homoeróticas, homoafetivas, erotismo e/ou qualquer conteúdo que possa ferir sua estrutura social heteronormativas, o BL encontra problemas para circular de forma *offline* entre seus fãs sem sofrer qualquer punição. Assim, conteúdos BL se tornam objetos de extremo perigo social e seus artistas/autores passaram a serem vistos como criminosos por apreciarem, criarem e difundirem esse tipo de gênero.

Em 2014, devido à vigilância severa, foi anunciado pelo Escritório Nacional Contra Publicações Pornográficas e Ilegais da China uma “limpeza” da internet com o objetivo de apagar qualquer conteúdo pornográfico *online*; foi realizada uma operação policial em que, aproximadamente, 20 mulheres, em sua maioria jovens, foram presas sobre a acusação de escrever *fanfics Danmei4*, com representações homoeróticas e sexuais. Além das escritoras, também foi preso o administrador do site Dan Mei Fiction Web, onde as *fanfics* eram publicadas, e um vasto arquivo de textos e fotos foram fechados pela polícia.⁵

Além disso, em 2018, também foi noticiado um caso de uma autora chinesa BL, identificada como Liu, que foi presa por causa de leis de obscenidade, por apresentar representações sexuais de gays e lésbicas e de descrever violência relacionada à perversão sexual, abuso e insultos em sua obra “*Attack and Occupy*”.⁶ Mais tarde, ela foi sentenciada a 10 anos e 6 meses de prisão, juntamente com seu revisor, pelo crime de fabricação e venda de materiais pornográficos com fins lucrativos e operações comerciais ilegais. O caso repercutiu em grande escala, levando à insatisfação de fãs e internautas que afirmaram que as autoridades tinham sido muito duras e compararam o caso de Liu com o da atriz Fan Bingbing que, por evasão fiscal, apenas teve que pagar uma multa.⁷

Mesmo com o medo de repreensão e os riscos, a articulação do gênero continuou e sua popularidade não diminuiu. Assim, fãs e criadoras de língua chinesa continuam a consumir e criar trabalhos “Boys’ Love”, usando da tecnologia como um escudo para se proteger da opressão governamental, criando termos que passariam despercebidos por um não fã e alojando servidores de sites em outros países como os EUA.

Dessa forma, a comunidade fã de BL cresce com o passar do tempo, não apenas chinesa e japonesa, mas globalmente, com fãs sul-coreanos, tailandeses, taiwaneses, americanos, brasileiros e de várias outras nacionalidades, que mesmo com culturas, línguas e tradições diferentes encontram no BL uma ponte que as une, abrindo-lhes um espaço de descoberta e acolhimento para explorar a si mesmas.

4 - Na China toda forma de literatura e outras mídias fictícias que apresentam relacionamentos românticos entre personagens masculinos como o BL, *yaoi*, *fanfics* e outros são classificados como *Danmei*.

5 - Disponível em: https://v.youku.com/v_show/id_XNjkzNzgxMDA4.html. Acesso em: 12 set. 2023

6 - Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/11/19/escritora-chinesa-e-condenada-a-prisao-por-publicar-livro-com-erotismo-gay.ghtml>. Acesso em: 17 out. 2023.

7 - Disponível em: https://www.chinapress.com.my/20181118/%E5%AF%AB%E5%B0%8F%E8%AA-AA-%E6%9C%89%E7%B-D%AA%EF%BC%81%E5%A5%B3%E4%BD%9C%E5%AE%B6%E8%A2%AB%E5%88%A4%E7%9B%A310%E5%B9%B4/#google_vignette. Acesso em: 12 set. 2023.

O PÚBLICO QUE NAMORA O NAMORO ENTRE MENINOS

As narrativas em estudo têm como impulso da sua origem o desejo de inserir a mulher nas discussões sobre sexo e outros tópicos, como corpo e nudez, visto que antes era impensável para uma mulher discutir e ter consciência sobre esses assuntos. Assim sendo, é praticamente natural que uma parte esmagadora dos consumidores de trabalhos "Boys Love" sejam mulheres. Isso pode ser explicado, uma vez que se pensa que, apesar de todas as transformações sociais envolvendo o papel da mulher na sociedade, como sua entrada no mercado de trabalho, os novos espaços que foram sendo conquistadas graças às lutas e às manifestações em prol da igualdade e equidade de gênero e das leis efetuadas com esse objetivo, a mulher ainda se encontra em uma posição de restrição quanto a sua fala e comportamento, principalmente relacionado ao sexo ou questões sexuais. Como afirma Zolin (2005), o novo lugar que a mulher passa a ocupar, em decorrência das lutas das mulheres, fez-se refletir (e não poderia ser diferente) nesse *status quo* de subalternidade a que a mulher sempre fora colocada.

A estrutura heteronormativa e patriarcal ainda é enfática quando dita que "uma mulher não deve falar isso", "uma mulher direita não se expõe assim" ou "se falar assim podem achar que você é uma prostituta". Frases como essas são comuns na vida social quando algo relacionado ao sexo ou aos desejos sexuais são expressados por uma mulher. Isso porque ainda se circula entre famílias tradicionais e na própria sociedade conservadora oriental e ocidental, que mulheres precisam ser figuras que devem alcançar e demonstrar ser dignas de respeito, e não como donas desse direito como pessoa. Logo, expor seus desejos ou debater questões sexuais, apontar como e o que lhe faz se sentir excitada ou falar sobre sexo na internet provoca uma grande comoção, com comentários sexistas, preconceituosos e machistas que sempre concluem que esse tipo de mulher é alguém vulgar e obsceno.

E essa restrição não fica apenas estática na fala, mas se torna perceptível também na leitura e escrita, que são dois fatores importantes para o desenvolvimento educacional e pessoal de todo ser humano, mas que, por muito tempo, foi negado à mulher por ser considerada intelectualmente inferior ao homem. Zolin (2005) evidencia isso quando fala sobre a questão da mulher no século XIX, em que aponta:

Na Inglaterra, a condição social da mulher na Era Vitoriana (1832-1901) foi tenazmente marcada por diversos tipos de discriminações, justificadas com o argumento da suposta inferioridade intelectual das mulheres, cujo cérebro pesaria 2 libras e 11 onças, contra as 3 libras e meia do cérebro masculino (Zolin, 2005, p. 184).

A mulher sempre vista como uma figura incapaz de apreciar um bom livro e escrever algo de valor por ser considerada frágil, delicada, emocional e principalmente sentimental demais, a mulher deveria se contentar com afazeres domésticos como costurar e bordar e deixar atividades mais intelectuais para os homens, pois se esta tentasse usar seu pouco intelecto lhe dado naturalmente, ao invés de explorar suas habilidades adequadas ao seu gênero como submissão, inocência e amor ao lar estaria indo contra a ordem natural das coisas e até a própria tradição religiosa (Zolin, 2005).

Como em muitas outras culturas ao redor do mundo, no entanto, meninas, sendo mulheres e menores de idade, há muito tempo são marginalizadas pela cultura "convencional" dominada por homens adultos. Em muitos períodos históricos e classes socioeconômicas, as meninas não eram incentivadas ou autorizadas a estudar e gostar de ler e escrever (Aoyama, 2013, p. 01; tradução nossa).⁸

8 - "As in many other cultures around the world, however, girls, being women and minors, have long been marginalized by "mainstream" culture dominated by adult men. In many historical periods and socioeconomic classes, girls were not encouraged or allowed to study and enjoy reading and writing"

Tomando este comentário de Aoyama (2013), até mesmo quando as mulheres começaram a ser alfabetizadas e a frequentar uma escola, seus objetos de leitura eram avaliados de forma a classificar se tal conteúdo era ou não adequado para uma “moça de família”, primeiramente pelos seus pais e, depois do casamento, pelo seu marido.

Mesmo nos tempos modernos, o material de leitura, os hábitos de leitura e a escrita de meninas e mulheres tendem a ser negligenciados ou ridicularizados. Emoção e obsessão consigo mesmas têm sido usadas para descartar a cultura feminina desde a década de 1920 (Aoyama, 2013, p. 1; tradução nossa).⁹

Essa negligência e/ou ridicularização pode ser facilmente percebida na leitura ou produção de trabalhos BL, assim como qualquer material de cunho erótico consumido por uma mulher em qualquer sociedade enraizada com preceitos heteronormativos e patriarcais, em que é normalizado um homem se satisfazer ou procurar prazer assistindo pornografia, mas uma mulher, ao expressar ou ler matérias explicitando o sexo, como os livros *Cinquenta Tons de Cinza* e *A Garota do Calendário ou ainda O doce veneno do escorpião*, é rotulada como imoral.

E situações como essas são ainda mais rígidas e duras quando a mulher em questão é uma adolescente ou uma mulher mais velha, que já possui filhos ou marido. A primeira é considerada pela sociedade imatura para saber sobre sexo e a segunda é adulta e, portanto, ciente que não deve falar sobre esse assunto, e ambas têm que “preservar” sua imagem socialmente. E essa pode ser uma das possíveis razões para os consumidores de BL serem, em sua maioria, mulheres heterossexuais entre a adolescência e a fase adulta.

Como adolescentes entrando para a maioridade se entende que essas jovens mulheres estão se descobrindo sexualmente, e também conhecendo o campo do sexo. Por isso, é normal que elas possuam perguntas sobre este, desde as reações envolvendo seu corpo até o que lhe gera prazer ou não. Eventualmente, a sociedade ainda espera que essas adolescentes mantenham sua mente afastada de assuntos relacionados ao sexo e de conteúdos que tenham como tópico o erotismo, mesmo que isso seja um fator biológico e necessário na vida de qualquer pessoa para sua construção pessoal.

Mas até mesmo esse processo foi negado à mulher historicamente, como podemos citar o caso da mulher colonial, que ao ter sua primeira menstruação já era considerada pronta para o casamento e, por isso, se casava muito cedo, entre os 12 anos, sem conhecimento sobre o sexo e sua virgindade, sempre vigiada por seu pai e irmãos (Lopes; Faria Filho; Veiga, 2003).

Desta forma, qualquer conteúdo envolvendo sexo era proibido à mulher, já que poderia manchar sua inocência e sua pureza. Assim, no passado, vários livros foram proibidos pela igreja católica e, hoje, alguns países, como a China, adotam leis de censura com esse mesmo objetivo (Kwon, 2021).

Já quando mulheres adultas, em um casamento heterossexual – considerado o correto socialmente pela estrutura heteronormativa – e com filhos, são submetidas a outra posição, onde lhes é apagado o rótulo de imaturas e assumem o cargo de passar ensinamentos morais aos filhos e preservar a imagem do marido. Portanto, não se considera socialmente aceitável que estas mulheres tenham posições ativas com relação à sexualidade ou consumam conteúdos eróticos, e principalmente de cunho homoeróticos e/ou homoafetivos, como é o caso de trabalhos “Boys’ Love”, uma vez que esse gênero por suas descrições sexuais e homossexualidade podem ser prejudiciais para as suas estruturas heteronormativas (Yi, 2013), como evidenciadas em políticas de censura em países como a China.

Nessa linha, seria como se as mulheres casadas e mães, ao consumirem conteúdos BL ou eróticos de qualquer espécie, estivessem dando um mau exemplo aos filhos e, conseqüentemente, se tornando uma mãe incapaz de educar com preceitos morais. E, enquanto

9 - “Even in modern times, the reading material, reading habits, and writing of girls and women tend to be overlooked or ridiculed. Emotion and self-obsession have been used to dismiss women’s culture since the 1920s”

esposas, estivessem destruindo a moral do marido e sendo imoral ao casamento ao usar de dois corpos masculinos para apaziguar seus desejos e fantasias quanto ao sexo.

Essa mesma lógica pode ser notada quando é submetida à mulher casada que ela não use roupas curtas ou com decote, frequente festas à noite ou consuma bebidas alcoólicas. Assim, independentemente da idade ou posição civil que ocupa, sempre é cobrado da mulher que ela permaneça indiferente a qualquer ação que possa ser usada para questionar sua moral.

Considerando esses apontamentos, não é estranho considerar que essas mulheres em suas determinadas estruturas sociais encontraram dentro do BL o espaço que antes e até hoje é lhes negado, pois esse é seu principal objetivo. Com protagonistas masculinos, as mulheres podem ter outra visão quanto ao sexo e ao próprio papel feminino nele, pois a própria imagem do homem também ganha uma outra percepção. Antes, a figura masculina era vista totalmente como redentora do poder quanto ao ato sexual, sempre se mostrando ativo, com pouco sentimentalismo e emoções como o choro que era excluído de narrativas, pois eram considerados pontos fracos que desconstróem a imagem de um verdadeiro "macho", já que essas características são socialmente dirigidas às mulheres.

No BL, a leitora e/ou artista/escritora tem a liberdade de observar um personagem masculino com características mais delicadas e sensíveis, que se permite chorar, expressar suas decepções e medos, além de assumir também um papel de passividade no sexo, e que ao mesmo tempo, pode ser independente e desafiar o outro personagem masculino. Tomemos como exemplo o personagem Kim (passivo) da novel tailandesa *Unforgotten Night*, que durante a narrativa é descrito como um jovem muito bonito, doce, de corpo frágil e esbelto, que chora por causa do seu primeiro amor. Mas apesar dessas características, comuns nos *semés*, Kim não é totalmente submisso a Kamol (ativo), pelo contrário, mesmo que durante o sexo ele seja o dominado, fora deste cenário, na convivência diária de casal, o mesmo assume um papel ativo, em que Kamol lhe entrega a posição de dominante, obedecendo seus desejos e vontades, como pode ser percebido nesses trechos: "tudo bem, estou disposto a te dar tudo de mim — disse Kamol novamente" e "P' Kim, deveria obedecer todas as ordens do mestre, mas parece que o atual detentor do poder é o mestre Kim, certo?"¹⁰.

Com essa estrutura a mulher pode se ver como os personagens e decidir em qual papel vai se espelhar, assumindo uma posição ativa ou passiva, algo que comumente para elas não é possível em narrativas heterossexuais, em que a mulher, na maioria das vezes, é retratada como uma moça virgem, sem qualquer noção sobre o sexo e que o homem se torna o ser que vai lhe apresentar todo esse novo mundo. Kwon reitera:

O que diferencia a história homem-homem de um romance heterossexual é a relação menos marcada pelo gênero entre os dois protagonistas, o que provavelmente não pode ser realizado em um gênero heterossexual que reitera "os homens lideram e as mulheres seguem". Não importa com quem a leitora se identifique, ela pode ser libertada da armadilha social de gênero. Ainda mais agradável para as mulheres é que o BL as torna donas do olhar (Kwon, 2021, p. 7; tradução nossa)¹¹.

Assim, a leitora, de certa maneira, se sente parte do sexo desenvolvido pelos dois personagens, em que ela pode usar dessa representação para satisfazer seus desejos e curiosidades sexuais sem que, para isso, tenha que existir uma personagem feminina sexualizada, submissa ou inocente, em que o personagem masculino tenha que rotular a ação de tirar sua virgindade como um prêmio, por exemplo.

10 - A novel pertence à autora Yoenim (pseudônimo) e foi distribuída de forma online. A tradução pertence a uma fã brasileira e para proteção do seu perfil online o link para acesso a obra não será disponibilizado.

11 - "What differentiates a male-male story from a heterosexual romance is the less gendered relationship between the two protagonists, which probably cannot be accomplished in a heterosexual genre that reiterates "men lead and women follow." No matter who the reader identifies with, she can be freed from the social trap of gender. Even more pleasant for women is that BL makes them master the look".

Desta maneira, Kwon complementa: “BL é um espaço imaginário no qual os fãs heterossexuais podem escapar da hierarquia de gênero e ousar realizar suas ousadas fantasias”¹² (Kwon, 2021, p.7; tradução nossa). É nesse mesmo espaço que as mulheres podem se dar a oportunidade de questionar e até descobrir sua identidade de gênero, como relata a ativista lésbica, Mizoguchi, ao explicar, em uns de seus trabalhos, a influência que os quadrinhos BL que surgiram na década de 1970 tiveram na formação e descoberta de sua identidade sexual (Welker, 2006; Mizoguchi, 2008).

Assim, o ambiente BL abre uma porta para que os consumidores independentemente de sua identidade ou orientação sexual possam ampliar suas experiências e explorar sua própria identidade de gênero através dos personagens em suas narrativas.

COMUNIDADE FUJOSHI: UM ABRIGO SOCIAL

A expansão tecnológica ocorrente, principalmente na década de 1990, e o aumento de jovens tendo acesso a computadores, fosse em casa, na escola ou biblioteca, são considerados alguns dos motivos para o gênero BL ter se expandido para além das fronteiras do Japão e ter se popularizado em diversos outros países, conquistando um público ainda maior de mulheres e, desta maneira, se tornando mais globalizado no processo.

Mesmo que o BL tenha surgido para suprir a necessidade de jovens mulheres japonesas, de ter um gênero de mangá em que pudessem ter liberdade de explorar a sexualidade feminina (Welker, 2015) e se ver em outro papel que não fosse somente o de uma dona de casa, que deve obedecer ao marido, ter filhos e zelar pelo bem moral da família, o fato é que esse papel de servidora do lar, empurrado para a mulher pelo sistema patriarcal é a realidade vivida historicamente por diversas outras mulheres em suas determinadas nacionalidades e estruturas sociais.

Na economia heteropatriarcal tradicional, o papel das mulheres era evidente: elas eram obrigadas a sustentar física e emocionalmente sua família e dar continuidade a uma linhagem familiar ao dar à luz um filho. Era dado como certo que a agência das mulheres era impensável e inatingível (Kwon, 2021, p. 9; tradução nossa).¹³

Isto posto, é razoável considerar que essas mulheres não japonesas encontraram no BL o mesmo conforto para expressar seus desejos e fantasias que seu público de origem, ao passo que ambas se encontram na mesma posição quanto mulheres privadas de agir com liberdades por causa das normas sociais que lhes limitam, podendo, esta, ainda ser considerada como mais uma possível razão para a crescente popularização do BL de forma global e ao mesmo tempo um dos principais motivos para sua censura.

Tendo sua origem no Japão, um país muito fiel às suas tradições e ao seu sistema conservador e, depois se articulando de forma não nacional, primeiramente por países próximos como a Coreia e Taiwan, o BL, com suas narrativas sempre centradas no sexo e em relacionamentos homoafetivos (Kwon, 2021), passou a ser considerado um perigo social para o bem moral das mulheres, uma vez que estas narrativas estavam circulando cada vez mais rápido entre o público feminino, lhes fazendo entrar em tópicos como o sexo, orientação sexual e identidade sexual que, para a estrutura patriarcal e conservadora, acabaria por corromper jovens moças de família. Além disso, podendo impulsionar estas a questionar seu papel social já definido historicamente, como já estava sendo debatido e difundido por várias mulheres em alguns países que protestavam em busca de igualdade de gênero.

Então, como uma forma de defender seu sistema conservador e patriarcal, países comopróprio Japão, que mesmo tendo o BL circulando de maneira comercial, a censura ainda é algo presente dentro destes trabalhos. Assim, nos mangás as cenas de sexo entre os personagens

12 - “BL is an imaginary space in which heterosexual fans can escape the gender hierarchy and dare to fulfill their bold fantasies”.

13 - “In the traditional heteropatriarcal economy, the role of women was evident: they were required to physically and emotionally support their family and continue a family lineage by giving birth to a child. It was taken for granted that women’s agency was unthinkable and unattainable”

principais masculinos sofrem mudanças para que o ato do sexo não fique tão explícito e em *animes* se usa de elementos para a censura do beijo, como o casal se beijando atrás de uma cortina, em frente ao pôr do sol ou simplesmente borboletas ou luzes sendo colocadas para cobrir a cena, elementos que também são usados em alguns *webtoon*¹⁴ chineses.

Com essas táticas de escrita, redes de entretenimento e editoras tentam passar pelas críticas negativas ao BL, geradas pela sociedade conservadora e por famílias preocupadas que o conteúdo de mídia que seus filhos estão consumindo possa acabar lhes desviando para um caminho imoral e desrespeitoso.

Semelhante senso de proteção as suas conversões sociais podem ser percebidas na China, que se utiliza de leis severas em que se proíbe qualquer venda, escrita, leitura, divulgação etc, de forma *offline* ou não de matérias que possua narrativas homoafetivas e/ou eróticas, que são consideradas mundanas e danosas para a sociedade heteronormativa chinesa, e principalmente, para o público-alvo do BL, que são as mulheres, uma vez que essas narrativas podem encorajar pensamentos e até comportamentos que possa colocar a heterossexualidade das mulheres e homens em questionamento.

Dessa forma, tanto leitoras como escritoras/artistas chinesas se enquadram dentro dessa realidade como criminosas que tentam destruir o sistema social harmonioso produzindo e usando conteúdos que denegam as tradições e conversões de seu país. E esse mesmo olhar para as leitoras de BL podem ser notadas em várias outras nacionalidades em que mesmo não fazendo uso de qualquer lei que proíba a produção e leitura de matérias homoeróticas e homoafetivas, ainda entre as pessoas conservadoras circula a ideia de que uma boa mulher ou moça de família não deve ter acesso a conteúdo em que a representação do sexo e a relação homossexual explícita ocorra, uma vez que deprava a inocência e a imagem moral da mulher.

A ideologia confucionista considera sexo e sexualidade como um tabu, e as mulheres são particularmente desencorajadas a discutir e expressar sexualidade. Na era moderna, está se tornando menos uma violação, mas ainda é bastante presente para as mulheres jovens, especialmente as adolescentes que frequentam a escola secundária. As jovens do sexo feminino são consideradas assexuadas e acredita-se que elas devam desconhecer sua sexualidade (Kwon, 2021, p. 9, tradução nossa)¹⁵

À vista disso, mesmo em tempos modernos, em que a mulher pode conquistar um espaço social mais amplo para se desenvolver e se expressar, esta encontra desafios para se articular em um mundo ainda muito dominado pelo gênero masculino, e ainda mais para debater sobre sexo e sexualidade de forma livre. As mulheres se veem em um ambiente onde falar sobre tópicos envolvendo o sexo ou expressar seus desejos sexuais, lhe geram rótulos ofensivos como "sem vergonha", vulgar, pervertida, desmoralizada, obscena e outros mais, que também são direcionados mais rigidamente a leitoras femininas de BL por fazerem uso de corpos masculinos homossexuais para satisfazer seus desejos e fantasias.

Mesmo que a maioria das fãs de yaoi sejam heterossexuais em sua sexualidade na vida real, elas se consideram uma espécie de minoria sexual. As fãs femininas esperam ser capazes de determinar e declarar seus próprios gostos/orientações. É como se fãs sérios de yaoi devessem "sair do armário" (Mizoguchi, 2010, p. 155; tradução nossa)¹⁶

O que Mizoguchi (2010) comenta é o sentimento de anormalidade que fãs de *yaoi* possuem acerca de si mesmas por consumirem um conteúdo que socialmente é considerado

14 - O termo é a junção das palavras "Web" e "Cartoon", utilizada para descrever webcomics ou manhwas sul-coreano publicados em um modelo digital online.

15 - "Confucian ideology considers sex and sexuality to be taboo, and women are particularly discouraged from discussing and expressing sexuality. In the modern era, it is becoming less of a rape, but it is still very present for young women, especially teenage girls attending secondary school. Young females are considered asexual and it is believed that they must be unaware of their sexuality"

16 - "Even though most yaoi fans are heterosexual in their sexuality in real life, they consider themselves to be something of a sexual minority. Female fans expect to be able to determine and declare their own tastes/orientations. It's as if serious yaoi fans should 'come out of the closet'"

inapropriado para mulheres, como é o caso também do BL, em que o público desse gênero normalmente se refere a uma não fã como uma pessoa normal. Partindo disso, é como se o ato de consumir BL lhe tornasse anormal, comparado a fãs de outros gêneros, e essa percepção parece ter sido, segundo Mizoguchi, propagada para esse público pela estrutura social por meio das críticas, comentários negativos e até mesmo com a criação de termos usados como uma forma depreciativa para se dirigir às mulheres que leem ou escrevem esse gênero de mangá, como é o caso do termo *fujoshi*.

Vistas como garotas podres que estavam envenenando e apodrecendo a sociedade e estrutura moral de seu país, naturalmente um sentimento de medo foi sendo enraizado nesse público a ponto de terem que esconder o fato de serem fãs de BL e, até mesmo o pensamento de alguém descobrir seus gostos lhe causar desconforto.

Dessa forma, mesmo que em alguns países não existam uma lei que proíba a leitura ou comercialização de obras “Boys’ Love”, o ato de leitura e escrita se tornou clandestino, uma vez que essas fãs femininas estavam impedidas de consumir esse gênero. Assim, mesmo com o BL dando às mulheres por meio das narrativas homoeróticas e homoafetivas a possibilidade de serem protagonistas de seus próprios desejos e fantasias (Kwon, 2021), ainda existia uma limitação na sua exposição que foi sendo contornada com a expansão e desenvolvimento tecnológico.

Com a internet cada vez mais forte e presente entre jovens, as fãs viram nesse novo meio de comunicação e navegação global um escudo para escapar do olhar julgador social e também poder se sentir livres para expressar suas opiniões e ampliar suas experiências como fãs. A partir desse ponto, começaram a surgir os primeiros Fóruns e sites de publicação de conteúdos BL, em que as mulheres alvos desse gênero além de poder ler e publicar, também podiam trocar experiências (Kwon, 2021; Yi, 2013; Martin, 2017), opiniões, desabafo e debater da maneira que desejassem, sem se preocupar em serem julgadas pelos seus pensamentos ou com medo de usar palavras envolvendo o corpo, que que fora do mundo BL seriam vistas como inadequadas e imorais, uma vez que todos os sujeitos inseridos nesse ambiente compartilham o mesmo medo de serem julgados pelo que leem e escrevem, e ao mesmo tempo a mesma paixão: o BL. Esse medo pode ser explicitado por Mizoguchi (2010, p.155):

As fãs de Yaoi chamam as não-fãs de “pessoas em geral” e as consideram “normais” em contraste com elas mesmas. Os fãs de Yaoi se consideram “anormais” por dois motivos que ambos lidam com um senso de tabu. Em primeiro lugar, os fãs de yaoi criam e lêem regularmente pornografia em uma sociedade na qual as mulheres não devem agir como sujeitos de desejo sexual. Em segundo lugar, os fãs de yaoi gostam de romance entre homens, mesmo que sejam mulheres.

Dessa forma, nasce nas redes sociais a chamada comunidade de fãs ou *fandom*, que pouco a pouco foi crescendo da mesma maneira que o BL foi se globalizando. Com as produções BL sendo publicadas *online*, os seus limites se ampliaram, sobretudo com escritoras/artistas e fãs chinesas, alojando seus *sites* em servidores internacionais para tentar escapar da opressão governamental, onde um estrangeiro poderia, por acaso e de maneira inconsciente, acessar o *site* ou fórum e se sentir atraído pelo conteúdo que ali estava sendo exposto.

Assim, se inicia uma rede de leitores estrangeiros que também se sentem necessitados de ter acesso ao BL (Kwon, 2021), é por essa razão que, de forma independente, esses mesmos fãs, além de leitores e escritores, também se transformam em tradutores, em que vários fãs, em sua maioria mulheres, em seus determinados países, começam se mobilizar criando grupos, *sites* e páginas *online* para a tradução dessas obras. Assim, *scans* ou “*scanlation17*” traduzem

17 - Grupo de pessoas que escaneiam, editam e traduzem publicações estrangeiras para a língua do distribuidor. Normalmente, as publicações são quadrinhos, mangás e *manhwas*, feitas de fã para fã.

mangás ou *manhwas*¹⁸, leitoras *novels*¹⁹ e *fansubs*²⁰ legendam dramas e filmes bls, tudo sem fins lucrativos e apenas como um trabalho feito de fã para fã.

Nesse sentido, existe um senso de companheirismo entre fãs de BL que compartilham o mesmo amor por este gênero e o mesmo julgamento social por serem consumidoras deste, o que torna o *fandom* uma comunidade em que o papel principal é formar uma rede de amizade e solidariedade entre autoras e leitoras que são marginalizadas fora do ambiente BL por causa do seu gênero (Yi, 2013; Martin, 2017).

Portanto, a comunidade fã se torna uma segurança a mais para que essas mulheres se sintam encorajadas a exercer toda a liberdade que o BL lhe oferece e ainda explorar seus gostos e sexualidade com o apoio de outras mulheres, as quais se sentem psicologicamente mais próximas (Mizoguchi, 2010), mesmo que predominantemente essas fãs não tenham informações pessoais relacionadas à idade, orientação sexual, nacionalidade ou simplesmente ao nome verdadeiro — partindo da ideia que a maioria dessas mulheres usam perfis anônimos — uma das outras.

O aumento da comunidade e mais mulheres expondo suas opiniões e pensamentos relacionado às narrativas BL, fez com que fãs que antes se escondiam por acharem que estavam sozinhas, agora tinham um ambiente em que podiam se agarrar e se apoiar em outras mulheres que além de terem o mesmo objeto de consumo também possuíam ideias semelhantes. Com diálogos cada vez mais abertos, o crescimento do público, autoras ganhando destaque e obras BL *online* circulando cada vez mais rápido e conquistando um olhar mais atento até internacionalmente; o sentimento de medo em se declarar fã de BL foi se tornando cada vez mais pequeno e até sem sentido, a ponto de levar uma comunidade inteira que antes se escondia atrás de uma tela de computador a ir para convenções *fanzines*²¹ e participar de estantes, e ainda aderirem o termo *fujoshi* como uma forma de orgulho.

Assim, mesmo que em tempos modernos ainda existam fãs mulheres, em grande parte novatas, que usam perfis secundários para entrarem em grupos, *sites* e rede sociais BL por vergonha ou receio, muitas fãs não têm problema em se declarar *fujoshi* ou assumirem que fazem parte de uma comunidade *fujoshi*, pois, como comenta Mizoguchi (2010, p. 152; tradução nossa), “o que é cultivado entre os fãs é o sentimento de pertencimento à comunidade.”²²

Por conseguinte, a comunidade fã assim como o próprio gênero BL se torna um lugar onde o olhar dos homens e da sociedade não existe, e as mulheres que sempre são o principal objeto desse olhar podem se sentir mais acolhidas e confortáveis com seus pensamentos e suas próprias palavras (Hori, 2013).

A EVOLUÇÃO DOS TRABALHOS “BOYS’ LOVE”

As obras BL possuem um caráter de emancipação feminina tanto das leitoras quanto das escritoras/artistas; é como uma espécie de resposta ao domínio patriarcal quanto às relações de gênero e seu papel na sociedade (Mustofa, 2021). Este ainda é alvo de muitas críticas e problematizações, não apenas por envolver a mulher em tópicos sobre sexo aflorando seus desejos e fantasias, mas, principalmente, na modernidade por causa da estrutura de suas narrativas, personagens estereotipados e construção do papel do *semé* e *uké*, conhecida como a “fórmula *yaoi*”.

18 - São histórias em quadrinho de origem sul-coreana, que apesar de semelhante ao mangá e obras chinesas, o *manhwa* possui seu próprio estilo: sua leitura ocorre da esquerda para a direita, não possui regras para a coloração, os personagens tendem a ser desenhados de forma mais realista e podem ser publicadas tanto de forma online quanto física.

19 - São histórias escritas, com mais falas que o livro comum e popular dentro do gênero romance. A novel também possui duas categorias: Web Novel e Visual Novel.

20 - Termo derivado das palavras em inglês “*fan*” e “*subtitles*”, que significa legendas de fã e que se refere a um grupo de fãs que se dedicam a legendar séries e filmes para outros fãs. *Fansubs* são muito populares, conhecidos e utilizados por fãs de doramas.

21 - Termo é a abreviação de Fanatic Magazine, que significa revista de fã. Desta forma, são publicações alternativas e amadoras produzidas por um grupo de pessoas que gostam de um tema em comum e que possui recursos de publicação limitados.

22 - “*What is cultivated among fans is the feeling of belonging to the community*”

Retornando a produção das primeiras obras BL antes da chegada dos anos 2000, quando o *yaoi* estava saindo mais do cenário e dando lugar ao termo “Boys’ Love”, suas narrativas possuíam uma estrutura e tramas semelhantes ao de seu irmão, o *yaoi*. As histórias comumente eram envolvidas por uma trama tóxica e abusiva, em que a violência, agressões, assédio sexual, extrema possessividade e, em especial, o estupro, era usado como instrumento de ligação entre os dois protagonistas e para o desenvolvimento do seu relacionamento, no qual essas ações negativas, muitas das vezes, eram cometidas pelo *semé* (Mizoguchi, 2008, 2010).

Além disso, estes elementos eram utilizados por escritoras majoritariamente amadoras – como remete o surgimento do *yaoi* – para explorar o sexo ao seu extremo, desde a sua forma romântica a sua forma brutal, em que talvez pela primeira vez estas mulheres poderiam manipular dois corpos masculinos como desejassem (Kwon, 2021), em um espaço que, por muito tempo, foi dominado somente por artistas/escritores homens e era apenas vista como objetivo de fantasias eróticas.

Ainda vale ressaltar que estes elementos são tópicos sensíveis, que, independentemente do objetivo ou intenção, podem causar desconforto, gerar gatilhos e sentimentos negativos a quem está lendo, independentemente do seu gênero. Por isso, espera-se que esse tipo de narrativa seja trabalhada de uma forma coerente, madura, consciente, bem estruturada e que leve os personagens para um estado de crescimento e florescimento, uma vez que se pensa no público do BL não apenas como fã, mas também como qualquer leitora que espera encontrar nesse gênero uma história bem construída, desenvolvida e que lhes façam crescer junto com os personagens, além da liberdade para se posicionarem sobre o sexo como desejarem, que é o objetivo central do BL.

Mesmo que essas obras tenda a desafiar a questão do gênero mais frágil ou mais forte (Mustofa, 2021), colocando a satisfação do público feminino como prioridade e objetivo, o BL costuma seguir uma narrativa com hierarquia de gênero, mesmo que os personagens principais sejam homens, uma vez que o relacionamento destes é impulsionado e, às vezes, forçado pelo *semé* (sujeito ativo) que possui traços mais masculinos, que giram em torno de sua característica física, como altura, ombros largos, corpo malhado, postura rígida, feições sombrias e sua tendência de pouco expressa seus sentimentos. Assim, da mesma maneira, características também são direcionadas ao *uké* (sujeito passivo) só que, ao contrário do *semé*, este possui traços mais femininos, como sua altura mais baixa, feições delicadas, corpo magro e geralmente tende a ser sensível e gentil.

A Figura 1 representa a construção da “fórmula *yaoi*”, em que termos o *uké* a esquerda, ilustrado de forma delicada e até frágil como pode ser notado na expressão de seus olhos, nos traços delicados de seu rosto e na posição de suas mãos que estão sendo aparadas pelo *semé*, que está à direita. Este por sua vez possui um corpo mais robusto, musculoso, ombros largos e pode ser percebido uma postura possessiva pela forma que está tocando o *semé* e foi posicionado atrás deste. Nesse sentido, os papéis atribuídos aos personagens são facilmente detectados pelo leitor, que muitas vezes os resume como quem fica embaixo e/ou encima no sexo (Mizoguchi, 2010). Portanto, existem estereótipos de gênero canalizado nos personagens por meio da “fórmula *yaoi*”, em que existe uma dominância do *semé*, por ser considerado mais masculino, sobre o *uké*, por possuir traços afeminados e, por consequência, teria que assumir um papel passivo no relacionamento.

Figura 1 - Mangá Hanamachi Monogatari: Hatsuzakura Mau, Yoru no Shitone (2012)



Fonte: Amino Apps (2017).²³

Com essa estrutura se pode notar dois pontos: a prevalência da ideia de que feminino deve ser guiado pelo masculino e a possibilidade do público feminino poder visualizar no homem características mais sensíveis e doces, que antes e até hoje são direcionadas apenas às mulheres. Além disso, a mulher poderia ter a chance de acompanhar um personagem masculino que não precisava manter uma postura fria, poderosa e indiferente durante toda narrativa para mostrar sua masculinidade, mas este poderia expressar suas fraquezas e dificuldades, chorar, se iludir, sofrer por amor e vezes se ver perdido em si mesmo.

Com o passar do tempo e as novas autoras nascendo em meio a diferentes mudanças sociais e revoluções acontecendo em vários pontos ao redor do mundo, narrativas BL com personagens neste mesmo formato se ampliou junto com sua própria composição como comenta Mizoguchi (2010, p.145)

[...] depois de 2004, os estilos gráficos, configurações e enredos tornaram-se mais diversificados e a presença do eu definido como a "fórmula yaoi" fantasmática, como personagens "homofóbicos-homofóbicos" e "estupros de amor" diminuiu significativamente (Tradução nossa).²⁴

Partindo disso, as próprias características que colaboraram para a construção do eu *semé* e *uké* passaram por transformações que hoje são bem perceptíveis em obras BL da atualidade, em que o papel do personagem não vai depender se ele possui aspectos mais delicados ou musculosos. Ou seja, o *semé* pode ter características mais gentis, ser frágil com seus sentimentos, apresentar timidez e ter medo dos seus próprios sentimentos, assim como um *uké* pode ser mais frio, determinado e reservado com suas emoções.

Da mesma forma, pode ocorrer uma troca de papéis, em que o personagem, durante o ato sexual, pode exercer o papel de *semé*, mas fora deste cenário ele assume o papel de *uké*, ou seja, se tem uma ideia de versatilidade que, mesmo existindo, não interfere em como a leitora vai distinguir os papéis da narrativa. Esses pontos é um reflexo das mudanças que começam a ocorrer na forma de se fazer BL com a chegada dos anos 2000 que, segundo Nagaike (2015), se introduz o aparecimento de personagens não heterossexuais, não bonitos, e que se identificam como gays.

23 - Disponível em: https://aminoapps.com/c/anime/page/blog/hanamachi-monogatari-hatsuzakura-mau-yoru-no-shitone/jPtK_ug4wxRvjG-V666d0mqZdnVMkmw. Acesso em: 7 jan. 2024.

24 - "After 2004, graphic styles, settings and plots became more diverse and the presence of the self defined as the ghostly "yaoi formula", such as "homophobic-homophobic" characters and "love rapes" decreased significantly"

No BL existia uma tendência de os personagens não se assumirem como homossexuais, mas sim como homens heterossexuais que nutriam sentimentos românticos por outro homem (Ishida, 2015). Assim, é comum encontrar em obras como *Sotus* e *Our Sunny Days* frases como: “Eu não sou gay, eu só gosto dele”, “Eu sou hétero, mas eu te amo” ou afirma “Eu não sou gay” mesmo tendo beijado ou feito sexo com o protagonista. Estas possuem um tom homofóbico, depreciativo e que retrata como as conversões heteronormativas ainda permanecem no inconsciente social de muitos indivíduos e os influenciam.

Como disserta Nagaike (2015, p. 9): “Essa ênfase exagerada na orientação essencialmente heterossexual dos personagens, muitas vezes, parece ser necessária em narrativas de BL, a fim de acalmar o medo subconsciente das leitoras de BL de se desviar do paradigma heteronormativo estabelecido”²⁵. Logo, mesmo que o BL tenha foco no relacionamento amoroso e erótico entre dois homens, a orientação sexual dos personagens não vai estar em questionamento e, portanto, permanecerão como dois homens cisgêneros heterossexuais. Nisso, se gera a noção de que dentro das narrativas, a orientação sexual não é o foco ou um grande empecilho para o desenrolar do relacionamento amoroso e, desta forma, se entende que o protagonista se sente atraído e pode se apaixonar por outro homem por causa da sua essência enquanto pessoa, e pelos bons sentimentos que compartilham um pelo outro, e não pelos dois serem gays ou não.

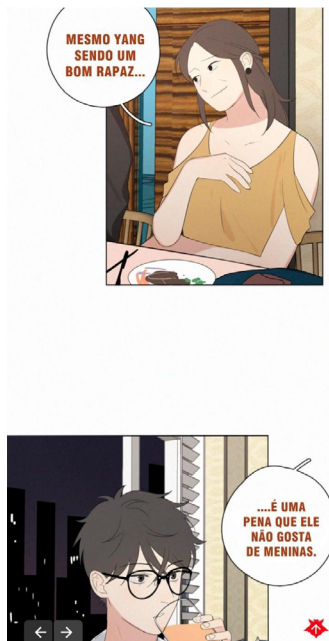
Algumas obras, ainda na modernidade, preservam uma narrativa em que os personagens não falam sobre e não declaram sua orientação sexual. Nesses casos, os relacionamentos se desenvolvem simplesmente pela convivência entre os protagonistas, suas inimizades, sentimentos mal resolvidos ou qualquer outra trama que o façam se aproximar ou se encontrar, como o caso da *novel 2gether* em que os protagonistas fazem um acordo de namoro falso, mesmo que o Win, responsável pela proposta, declare ao longo da narrativa sua posição de heterossexual e que gosta apenas de mulheres.

Mas, independentemente disso, muitas obras BL na sua estrutura atual expressam narrativas em que está se tornando comum os personagens se autoidentificarem como gays (Baudinette, 2017) ou bissexuais como as *novel's Love Storm* e *Hemp Rope*, assim como tramas que problematizam as dificuldades e medos que pessoas homossexuais sofrem ao descobrirem sua sexualidade e todo seu processo de assunção, como pode ser notada na obra chinesa *Here U Are*.

Na obra citada somos apresentados ao personagem *Yu Yang*, um veterano universitário gay e que não tem medo de assumir sua sexualidade ou de enfrentar qualquer um que tente diminuí-lo por essa razão. Mas, apesar de sentir orgulho de quem é, ele ainda enfrenta batalhas sentimentais com relação aos pais, pois estes não aceitaram totalmente sua identidade de gênero, principalmente o seu pai que não esconde a decepção e o desconforto, principalmente em uma ocasião em que todos estão reunidos para um jantar em família e a sexualidade de Yu yang é colocada como tópico pelos seus parentes (Figura 2).

25 - “This exaggerated emphasis on characters’ essentially heterosexual orientation often seems necessary in BL narratives in order to allay BL readers’ subconscious fear of deviating from the established heteronormative paradigm”

Figura 2 – Capítulo 50 do manhwa Here U Are



Fonte: scanlation.26

Em contrapartida, temos a realidade familiar de Li Huan que, ao longo da trama vai descobrindo seus sentimentos amorosos por Yu Yang e sua sexualidade no mesmo processo. Ele enfrenta um cenário diferente ao revelar, em uma conversa casual e monótona com o pai, que está namorando Yu Yang. Apesar de seu pai levar um susto no primeiro momento, ele simplesmente sorri e felicita o filho, sem questionamentos, julgamento ou um silêncio desconfortável. Este fato é confidenciado a Yang pelo próprio pai de Li Huan em um momento calmo entre os dois (Figura 3).

Figura 3 – Capítulo 134 de Here U Are



Fonte: scanlation

26 - Como forma de proteção o nome do scan e link para acesso não será disponibilizado.

Desta forma, percebemos, representado nessa trama, uma reflexão sobre o processo de assunção à família em duas vertentes. A primeira em que os personagens ainda enfrentam desafios quanto à aceitação dos pais, que não sabem como se comunicar com o filho e nem que caminho seguir, influenciados pelos pensamentos preconceituosos da sociedade. A segunda, tem-se um pai viúvo que tenta se manter o máximo possível na vida do filho e que, apesar de assumir não ter conseguido aceitar, de imediato, o fato do mesmo ser gay, pois estava em conflito e com medo de como Li Huan iria enfrentar a sociedade e que danos sentimentais isso poderia causar, se mantém aberto, demonstra apoio e se revela acima de tudo um pai preocupado com a sua felicidade.

Em muitas dessas obras, são retratados os processos pelos quais personagens gays passam por conflitos e negociações com suas famílias, amigos, colegas e comunidade local e são eventualmente aceitos por eles [...] ao mesmo tempo, o gênero também produz histórias em que os episódios de assunção do armário e os acontecimentos decorrentes são retratados de forma alguns passos à frente da realidade da sociedade japonesa contemporânea, na direção da igualdade de direitos dos homossexuais (Mizoguchi, 2010, p. 159, tradução nossa).²⁷

Desta forma, o BL acaba se tornando um campo em que as autoras/artistas podem usar não apenas para falar e articular o sexo e disponibilizar um espaço para as mulheres debater sobre esse tema, mas também fazer críticas ao sistema heteronormativo patriarcal sobre o sistema de gênero existente e o descaso que a comunidade LGBTQQICAPF2K+²⁸ vivencia ainda por parte da sociedade e pela falta de leis que os apoie e ampare, além de visibilidade para suas causas e lutas. Assim, esse gênero acaba por ganhar uma nova imagem na qual os interesses de mulheres cisgênero heterossexuais e a comunidade LGBTQQICAPF2K+ podem, talvez, pela primeira vez, se cruzar e aumentar o debate sobre a voz da mulher dentro das questões envolvendo o sexo e a sexualidade, assim como a conscientização do público sobre a homossexualidade, não apenas por meio da leitura de mangás, mas também nas várias outras formas de consumir BL que surgiram com o passar dos anos, como o *manhwa*, *webtoon*, *novel*, *fanfic* e até mesmo séries asiáticas de televisão que, hoje, são globalmente apreciadas por *fujoshi*, por seus enredos variando entre o romance “doce” e o *sexy*, e que, muitas vezes, carregam críticas sobre o preconceito, homofobia e ao sistema de leis que negligenciam os direitos de pessoas que possuem outras identidades de gênero e orientação sexual, como a legalização do casamento igualitário/homoafetivo que hoje, na Ásia, só é uma realidade em Taiwan.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos retomados neste estudo, pode-se observar que o próprio nascimento de narrativas com foco nos relacionamentos homoeróticos e/ou homoafetivos até chegar na sua nomenclatura atual “Boys’ Love”, teve um princípio de emancipação feminina sobre seus objetos de leitura, corpo e seus desejos e curiosidades sexuais, tornando-se tão forte que ultrapassou os limites do Japão e passou a ser o refúgio de outras mulheres na mais diversas nacionalidades, mostrando o quanto a opressão vivida pelas mulheres não se restringe apenas a um país, uma sociedade, uma cultura.

O BL se tornou para esse público não apenas uma forma de resistência e de liberdade, mas também de parceria e companheirismo feminino, por meio de uma comunidade fã ainda majoritariamente *online*, em que a nacionalidade, cultura ou língua não é um obstáculo para a convivência, pois o senso de acolhimento enquanto fãs do mesmo objeto, vítimas dos mesmo preconceitos e medos as unem e encontram compreensão umas nas outras.

27 - “In many of these works, the processes by which gay characters go through conflicts and negotiations with their families, friends, colleagues and the local community and are eventually accepted by them are portrayed [...] at the same time, the genre also produces stories in which the episodes of coming out and the resulting events are portrayed in a way that is a few steps ahead of the reality of contemporary Japanese society, in the direction of equal rights for homosexuals”

28 - (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Intersexuais, Curioso, Assexuais, Aliados, Pansexuais, Polissexuais, Familiares, 2-espíritos e Kink)

Mesmo que o BL ainda tenha problemas quanto à construção de suas narrativas envolvendo tópicos como sadomasoquismo, relacionamentos tóxicos, obsessão e possessividade, além da estereotipização, se pode notar em meio de suas obras atuais que escritoras e roteiristas BL vêm tentando apagar as imagens negativas sobre as narrativas vindo do início da origem do *yaoi* e trabalhando em obras que possibilite a união dos interesses das mulheres, que é seu real público-alvo, e as questões envolvendo a homossexualidade de forma a viabilizar seus sentimentos, desejos, medos, lutas e causas. Assim, o BL se torna uma arma de resistência e problematização social ao machismo, sexismo, homofobia e outros tipos de preconceitos construídos a partir de uma estrutura patriarcal e heteronormativa.

REFERÊNCIAS

- AOYAMA, T. BL (Boys' Love) Literacy: Subversion, Resuscitation, and Transformation of the (Father's) Text. U.S. **Japan Women's Journal**, [s.l.], n. 43, p. 63-84, 2013.
- BAUDINETTE, T. Creative Misreadings of "Thai BL" by a Filipino Fan Community Dislocating Knowledge Production. **Transnational Queer Fandoms Through Aspirational Consumption**, [s.l.], v. 13, n. 1, p. 101-118, 2020.
- BAUDINETTE, T. Japanese gay men's attitudes towards 'gay manga' and the problem of genre. **East Asian Journal of Popular Culture EAJPC 3.1**, [s.l.], p. 59-72, abr. 2017.
- BAUDINETTE, T. **South East Asia Research: Lovesick, The Series**: adapting Japanese 'Boys Love' to Thailand and the creation of a new genre of queer media. New York: Taylor & Francis. 2019 (v. 27; n. 2).
- HORI, A. On the response (or lack thereof) of Japanese fans to criticism that *yaoi* is antigay discrimination. **Transformative Works and Cultures**, [s.l.], v. 12, 2013.
- ISHIDA, H. 'Representational appropriation and the autonomy of desire in *yaoi*/BL'. In: MCLELLAND, M. et al. (eds.). **Boys Love Manga and Beyond: History, Culture, and Community in Japan**. Jackson: University of Mississippi Press, 2015. p. 210-32.
- KWON, J. **Straight Korean female fans and their gay fantasies**. Iowa: University of Iowa Press, 2019.
- KWON, J. **Transnational Convergence of East Asian Pop Culture**: The past, present, and future of Boys Love (BL) cultures in East Asia. 1. Ed. Londres: Routledge, 2021.
- LIU, T. Conflicting discourses on boys' love and subcultural tactics in main-land China and Hong Kong. **Intersections: Gender and Sexuality in Asia and the Pacific**, [s.l.], 2009.
- LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M. de; VEIGA, C. G. **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntico, 2003.
- LUYTEN, S. B. **Mangá**: O poder dos quadrinhos japoneses. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.
- MACWILLIAMS, M. W. (org). **Japanese visual culture**: explorations in the world of manga and anime. New York: AnEast Gate Book, 1952.
- MARTIN, F. Girls who love boys' love: BL as goods to think with in Taiwa (with a revised and updated coda). In: LAVIN, M.; YANG, L.; ZHAO, J. J. (eds.). **Past, present, and future of Boys Love 111 Boys' love, cosplay, and androgynous idols queer fan cultures in mainland China, Hong Kong, and Taiwan**. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2017. p. 195-219.
- MCLELLAND, M. The World of Yaoi: The Internet, Censorship and the Global "Boys' Love" Fandom. **Australian Feminist Law Journal**, [s.l.], v. 23, n.1, p. 61-77, 2005.
- MCLELLAND, M.; WELKER, J. An introduction to "boys love" in Japan. In: MCLELLAND, M. et al. (eds.). **Boy's love manga and beyond: History, culture, and community in Japan**. Mississippi: University Press of Mississippi. 2015. p. 3-20.

- MUSTOFA, A. **Boys' Love Romance in the Realm of Popular Literature: Genre, Motif, and the Future of Romance**. Semarang: ELTLT, 2021.
- NAGAIKE, K. **International Perspectives on Shojo and Shojo Manga: Queer Readings of BL Are Women "Plunderers" of Gay Men?**. 1. ed. New York: Taylor & Francis, 2015.
- NAGAIKE, K.; SUGANUMA, K. Transnational boys' love fan studies. **Transformative Works and Cultures**, [s.l.], v. 12, p. 2-142, 2013.
- NISHIHARA, M. **"Masu media ga utsushidasu yaoi no sugata: Gensetsu bunsekini yoru"** [Analysis of yaoi discourse as reflected in the mass media]. *Ronsō kuia* 3, 2010, p. 62-85.
- SIHOMBING, F. On The Iconic Difference between Couple Characters in Boys Love Manga. **Image & Narrative**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 150-165, 2011.
- YI, E. J. Reflection on Chinese boys' love fans: An insider's view. **Transformative Works and Cultures**, [s.l.], 2013.
- WELKER, J. A brief history of shōnen'ai, yaoi, and Boys Love. In: MCLELLAND, M. et al. (eds.). **Boys Love Manga and Beyond: History, Culture, and Community in Japan**. Jackson: University of Mississippi Press, 2015. p. 42-75.
- WELKER, J. Beautiful, Borrowed, and Bent: Boys"Love" as Girls" Love in Shōjo Manga". **Signs**, [s.l.], v. 31, n. 3, p. 841-70, 2006.
- ZOLIN, L. O. Crítica feminista. In: BONNICI, T.; Zolin, L. O. (org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 181-203.